

A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE RORSCHACH NA INVESTIGAÇÃO DE CONDUTAS VIOLENTAS EM ADOLESCENTES: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

*Aline dos Santos Pires*¹ e *Paulo Francisco de Castro*²

¹Acadêmica do Curso de Psicologia e Bolsista PIC-UnG - Programa de Iniciação Científica da Universidade Guarulhos. Endereço: Praça Tereza Cristina, 01, Centro, 07023-070 - Guarulhos - SP. e-mail al.pires@globo.com

²Professor orientador. Professor Adjunto do Curso de Psicologia da Universidade Guarulhos e Professor Assistente III do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté. Endereço: Praça Tereza Cristina, 01, Centro, 07023-070 - Guarulhos - SP. e-mail castro.pf@uol.com.br

Palavras-chave: Método de Rorschach, Violência, Avaliação Psicológica.

Área do Conhecimento: VII – Ciências Humanas / Psicologia.

Resumo: Os estudos que tratam sobre fenômenos que ocorrem na adolescência são de extrema relevância, no sentido de compreender esse importante período do desenvolvimento humano. Dentre os aspectos que podem gerar produções interessantes nessa área, estão os que estudam os comportamentos violentos em adolescentes. Compreender os motivos que levam os jovens a atitudes violentas é de extrema importância, tanto para propor estratégias de tratamento como para melhorar a qualidade de vida dos adolescentes, famílias e demais cidadãos. Pesquisas demonstraram que o Método de Rorschach tem se mostrado eficiente na investigação dos elementos de personalidade que podem gerar ou desencadear comportamentos agressivos. Nesse sentido, o presente estudo visa expor os resultados obtidos em diversas pesquisas nesse campo.

Introdução

O adolescente da atualidade vive sua rebeldia como atuante e transformador da sociedade. De acordo com Levisky (1998), no passado o jovem índio, carregava uma pesada tora de madeira, ao atingir a maturidade sexual, e mesmo com sofrimento, esse rito o permitia alcançar o reconhecimento de si e do grupo social em que estava inserido. Hoje o adolescente usa a sua arte, as pixações ou grafites, como ato de coragem, vandalismo e baderna, transgredindo a lei estabelecida e é desta maneira que se dá o rito de passagem da pós-modernidade.

A necessidade de consumo, o ter para ser, ou seja, a valorização do indivíduo pelo que ele tem, segundo Arpini (1999), não é diferente entre os adolescentes desfavorecidos economicamente, se não podem ter por meios lícitos, muitas vezes usam de violência para alcançar seus objetivos e não se sentem excluídos.

Porém, tal violência pode ser reflexo da violência cotidiana, fruto da desigualdade social e desamparo familiar vivenciado pelos adolescentes, como pode ser, também, um pedido de socorro, a necessidade de controle de pessoas confiantes, como a família e a escola, com seus papéis socializadores. Se estes papéis não estão presentes na vida do adolescente, é na rua que ele dará vazão às frustrações do seu amor primitivo (Winnicott, 1984/1995).

Sobre a Violência

Adolescência e violência caracterizam um binômio presente na realidade brasileira. Para elucidar o assunto faz-se necessário teorizar e contextualizar, separadamente, cada fenômeno.

Etimologicamente, violência vem do Latim *vis*, força e significa todo ato de força contra a natureza de outrem, força, esta, contra a vontade e liberdade (Camacho, 2001).

Existem várias teorias que procuram explicar o fenômeno da violência. A teoria biológica, a mais antiga, tem sua origem com o médico italiano, Cesar Lombroso, que defende a idéia de que o indivíduo nasce criminoso, delinqüente e violento, a violência não se faz, nasce-se com ela (Penteado, 1996). Correlacionou aspectos físicos e morfológicos, com a conduta violenta, agressiva e delinqüente. Esta teoria não é mais utilizada, mas ainda dentro do paradigma biológico, surgiram outras versões, como a determinação de características de violência pela genética, através dos mapeamentos cariotípicos. Existe ainda a versão da investigação com os neurotransmissores, assim como alguns estariam ligados ao humor, também poderiam levar o indivíduo, que sofresse alguma alteração neuroquímica, a ser mais violento ou agressivo em seu modo de agir.

Contudo, são teorias e versões deterministas e positivistas do século XIX, que pressupõem indivíduos incorrigíveis.

Outras teorias surgiram, entre elas, a de que o Homem não nasce violento, mas que ele se torna violento ao longo da vida, porque o meio social e os fatores externos, convergem no sentido de que essa pessoa venha a ser violenta. Este é o paradigma sociológico, do início do século XX, para explicar a questão da violência (Ferri, 1999).

Os meios de comunicação relatam, diariamente, crimes hediondos, a falta de cidadania, a perda de solidariedade e a desvalorização do próximo. Com isso banalizam a vida, as relações afetivas e até a violência, agem como instigadores da mesma, sem a preocupação do impacto psicológico causado na sociedade, correndo o risco de transformar o fator violência em um valor cultural, que pode ser assimilado, principalmente pelos adolescentes, como uma forma de ser, um modo de auto-afirmação.

Na escola, a violência aparece de várias formas, como abuso de poder sobre os alunos, impedindo-os de pensar e expressar-se; a discriminação em relação à incapacidade de aquisição de conhecimento e ainda, de grupos, raça e sexo, sendo que a discriminação de grupos pode incentivar a violência entre eles. Nesse processo, crianças e jovens são selecionados entre bons e capazes, de um lado, e, de outro, são

estigmatizados os incapazes e ruins (Itani, 1998).

Não se pode deixar de mencionar, no contexto escolar, a questão da indisciplina e para tanto, recorrer a sua antítese, a disciplina, que no âmbito da socialização, Durkheim (1975 *apud* Camacho, 2001), elucida que a escola é o espaço mais apropriado para tornar a criança um ser disciplinado. Nela existem regras, autoridade, limite, penalidade, culpa e recompensa. Indisciplina pode ser entendida como resistência, ousadia e inconformismo, o que acaba incomodando a instituição, (escola), já que a mesma não está preparada para conviver com o fato do professor não ter controle total e o aluno ter seu querer cada dia mais, pois adquire maior espaço de atuação e decisão, mais autonomia, o que vem lhe fortalecer, enquanto aluno (Camacho, 2001).

Ainda no que se refere à escola, o reconhecimento da violência nesse espaço, como questão social global, parece ser um caminho interpretativo desse fenômeno que coloca em risco a função socializadora da escola. Existe uma dupla fonte que leva a violência à escola, a expressão de autoritarismo pedagógico, afirmando a conduta repressora do professor em sala de aula, e ainda a transferência de norma social, marcada pela violência que rege as relações interpessoais em grupos sociais particulares, as quais se manifestam como normalidade no cotidiano dos alunos e de seus familiares, dessa maneira, tal violência se transfere para dentro da escola (Santos, 2001).

A violência que as crianças e os adolescentes exercem é antes de tudo, a que o seu meio exerce sobre eles, e não pode ser entendida somente como uma violência destruidora, mas sim, à recusa de estar na escola e de aprender (Colombier, Mangel & Perdrault, 1984/1989).

Não se pode deixar de elucidar a questão da drogadicção, que está, intimamente, ligada à violência, como uma auto-agressão, autodestruição do sujeito (Kalina & Perel, 1987).

A violência, segundo uma visão freudiana, é algo que pertence ao homem e está relacionada ao instinto de morte, que era algo dado e deveria ser compensado com processos de sublimação e desvio, ou seja, o homem é agressivo e até mesmo cruel, a função da civilização é reprimir sua

vontade e seu apetite de crueldade (Marcondes Filho, 2001).

Sobre a Adolescência

No que se refere ao fenômeno adolescência, entende-se que é um período situado entre a infância e a vida adulta, começando com primórdios físicos da maturidade sexual e terminando com a realização social do adulto independente (Myers, 1999).

A faixa etária relevante, na realidade, é imprecisa quanto aos seus limites, corresponde mais ou menos à época entre os 12 e os 20 anos, porém, se forem incluídos, por exemplo, processos físicos da puberdade, em especial nas meninas, esse início pode vir a ser por volta dos 8 ou 9 anos e ainda, no que diz respeito o seu término, um jovem de 18 anos que trabalha, tem filhos e esposa, não pode mais ser considerado adolescente, já que tem responsabilidades de um adulto (Bee, 1994/1997).

É uma etapa evolutiva do ser humano em que o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo está no auge, portanto, não se pode compreendê-la, separando os aspectos biológicos, sociais ou culturais, estes são indissolúveis, o que caracteriza unidade ao fenômeno adolescência, pois se é certo que com as modificações corporais vêm as angústias básicas da puberdade, é também correto dizer que sem o adequado entendimento da crise de valores do adolescente, não se pode compreender o real significado da transformação da criança em adulto (Osório, 1989).

A puberdade diz respeito às mudanças biológicas dessa faixa etária, enquanto a adolescência, às transformações psicossociais, contudo, ambas acabam se atrelando, mas é importante ressaltar que a puberdade é universal e seu início cronológico, em condições físicas normais, se dá por volta dos 12 aos 15 anos, em média, com a menarca na menina e a primeira ejaculação no menino. Já a adolescência, embora também universal, tem características de acordo com o ambiente sócio-cultural do indivíduo (Bee, 1994/1997).

As modificações físicas, em especial os caracteres sexuais secundários, como o surgimento de pêlos, a mudança de voz, o crescimento das glândulas mamárias, eram,

antigamente, o que assinalava a adolescência, porém, nas últimas décadas, esse fenômeno vem sendo considerado como momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, marcado não só pela imagem corporal definitiva, como também pela estruturação final da personalidade, já que as modificações corporais se relacionam com as modificações psicológicas, levando a uma nova relação com o outro, que só é possível caso elabore o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância (Aberastury, 1978/1988).

Em relação aos aspectos cognitivos, nesse período ocorre a passagem do pensamento concreto para o abstrato formal, de acordo com a teoria de Piaget (1964/1987), o adolescente torna-se capaz de lidar com conceitos e realizar operações no plano da idéia.

O pensamento formal começa por volta dos 12 anos e são as operações formais que fornecem ao pensamento, a possibilidade de destacá-lo e libertá-lo do real, construindo assim, suas teorias e reflexões espontâneas. Assim como acontece com o bebê e com a criança, toda nova capacidade da vida mental começa por incorporar o mundo em assimilação egocêntrica e somente depois, é capaz de atingir o equilíbrio com a acomodação, na adolescência o fato se apresenta como um egocentrismo intelectual, manifesto pela crença na onipotência da reflexão, como se o mundo devesse se submeter aos sistemas, e não estes a realidade (Piaget, 1964/1987).

A capacidade de pensar sobre o pensamento, de olhar para dentro, no adolescente, é que o possibilita fazer segredo de seus pensamentos, os reconhecendo como privados, e o mais importante, é que pode dizer coisas totalmente opostas ao que está pensando, consciente disso, não acreditando em suas invenções, mas fazendo soar de maneira convincente. Com isso, começam a criar disfarces sociais, atrás dos quais escondem seus pensamentos e desejos verdadeiros (Elkind, 1970/1972).

A questão da moral na adolescência envolve desenvolvimento, o pensamento e ação moral. O desenvolvimento refere-se à tarefa de aprender o certo e o errado e desenvolver o caráter, para tanto, é preciso pensar em termos morais e agir de acordo (Bee, 1994/1997).

Agir de maneira moral depende não só do pensamento, mas também das influências sociais, portanto, não são as atitudes que determinam a ação, e como há uma distância entre pensamento e ação, a educação moral deve focalizar as duas coisas. Quando os pais fixam altos padrões morais e praticam o que pregam, seus princípios tornam-se mais convincentes e mais propensos a serem seguidos pelos filhos (Myers, 1999).

O aspecto psicossocial da adolescência traz o fato de uma crise que precisa de solução, assim como cada estágio da vida do homem. Erikson (1968/1976), chamou tal crise de normativa, onde o indivíduo organiza-se ou estrutura-se. A tarefa do adolescente é sintetizar o passado, o presente e as possibilidades futuras, num sentimento mais nítido do eu, ou seja, a busca da identidade.

Esta busca por diferenciarse, gera conflitos, pois não é fácil deixar para trás a identidade infantil de dependência do outro e a falta de responsabilidades por seus atos, contudo, é o processo mais importante da adolescência, já que vai se constituir enquanto indivíduo que tem de si-mesmo, a consciência de Ser no mundo. Somente com a capacidade de aceitar, concomitantemente, os dois aspectos, o de criança e o de adulto, pode começar a aceitar as mudanças do seu corpo, começando a surgir sua nova identidade (Aberastury, 1970/1988).

Estes impulsos antagônicos de separação e fusão, levam às vivências de despersonalização, comum na adolescência, onde a busca do sentimento de identidade pessoal vê-se ameaçado pelo retorno à condição simbiótica original (Osório, 1989).

Pesquisas recentes

Dias (2001), constata, em uma pesquisa realizada na cidade de Santos, que a pobreza é apenas uma das causas do crime. Em uma amostra de 40 menores sendo 23 não infratores e 17 infratores, identifica que psicopatologias e brigas conjugais entre pais seriam mais agravantes da violência, do que a precária condição econômica.

A falta de competência social que algumas famílias têm para educar suas crianças é o que mais atrapalha na formação dos valores dos jovens. Os sintomas de uma educação equivocada começam a aparecer

entre 6 e 7 anos de idade. Esse foi o caso dos 17 infratores da pesquisa. Dias (2001) relata ainda que, uma criança que apresenta problemas de comportamento quando está nos primeiros anos de vida escolar tem grandes possibilidades de apresentar distúrbios como agressividade excessiva, na adolescência.

As afinidades entre os adolescentes propiciam a vivência nos grupos ou bandos, onde acabam se identificando. Aqueles que batem, desobedecem as regras, não temem a autoridade dos mais velhos e usam drogas, passam a ter o comportamento seguido pelos demais e este exemplo torna-se mais forte com a ausência física ou não, da figura paterna, já que o pai vem declinando devido à falta de credibilidade em várias funções sociais. Com isso os adolescentes justificam seus atos, como revolta, não têm o pai como função moderadora e o outro social, a escola ou mercado de trabalho, é considerado hostil, pelos adolescentes (Gallo, 2000).

A preocupação com a violência na adolescência é necessária, porém deve-se levar em consideração os diferentes fatores que intervêm nesse processo. Winnicott (1984/1995), indica a relação entre privação dos adolescentes e as transgressões cometidas por eles. A condição de sentir-se privado é o mesmo que lhe faltar estrutura do lar, se não tem sinais de segurança, perde a estrutura dentro de casa, ou até mesmo, nunca a encontrou, vai à busca de uma estabilidade externa na qual possa desafiar. Quando a família não supre esse papel, a escola, como agente socializadora do indivíduo, pode desempenhá-lo, contudo se a escola também não desempenha tal papel, é na rua que ele vai dar vazão às frustrações do seu amor primitivo. O comportamento anti-social, nada mais é do que um pedido de socorro, pedindo o controle de pessoas confiantes.

Não basta reduzir o binômio, adolescência e violência, a questões sociais e econômicas, é preciso se ater aos componentes culturais e, principalmente, psicológicos, compreendendo como os indivíduos apreendem, compartilham e orientam suas ações em torno dos objetos sociais que servem de referência à construção de sua identidade e identificações (Silva, 2001).

Adrados (1976) investiga a questão da afetividade dos jovens através do Método de

Rorschach, porém, para tanto, faz-se necessário se aprofundar em questões como a ansiedade, estabilidade emocional, adaptação social, mecanismos de controle dos adolescentes, possibilitando delimitar o normal e o patológico na personalidade dos mesmos.

Através das manchas do Rorschach, o indivíduo, na elaboração do percepto, tem seus valores de realidade participando da resposta, portanto, não há uma simples associação ou projeção, ocorre uma construção da percepção. As respostas fazem parte de um processo ativo, estruturador e organizador das imagens do passado na relação com a experiência imediata. A classificação, das respostas ao Rorschach, baseada na compreensão da dinâmica entre as esferas intelectuais, afetivas e conativas, facilita a interpretação dos dados, configurando o funcionamento psíquico do analisando (Costa, 1999).

Freitas e Campagna (1999) identificam o Método de Rorschach como um instrumento sensível e útil para diagnosticar e orientar a condução de tratamento de um sujeito que aos 16 anos apresenta problemas de conduta. A análise quantitativa e qualitativa da primeira aplicação, aos 10 anos do mesmo sujeito, já anunciava conflitos importantes como a falta de figuras parentais contínuas e flexíveis para conter sua impulsividade, um rebaixamento da auto-estima e contato fantasioso com a realidade, porém, como não houve a intervenção solicitada, com a chegada da adolescência, os conflitos não elaborados se agravaram, contribuindo para a crise de identidade e incentivando as condutas anti-sociais do sujeito.

Coutinho e Dias (1989/1990) em estudos com adolescentes institucionalizados e não institucionalizados, através do Rorschach, constatam que os jovens não institucionalizados, mesmo vindos de ambientes desfavoráveis, apresentam-se menos imaturos e estereotipados, menos dependentes e passivos, mais produtivos e objetivos, mais propensos ao relacionamento com os outros, mais próximos da realidade e ainda, com a auto-estima maior do que os jovens institucionalizados.

Segundo Silva e Vaz (2001, p. 261) “a agressividade é uma questão que acompanha a evolução da humanidade manifestando-se através de sinais

característicos de conduta e comportamento”. Em um estudo feito, a partir de variáveis do Rorschach, pelos autores acima citados, em Porto Alegre, sobre as implicações do contexto social no desenvolvimento da personalidade da criança com conduta agressiva, considera-se que o ambiente social e cultural influencia o desenvolvimento emocional da criança e conseqüentemente sua conduta, enquanto criança e até mesmo no decorrer da vida.

Portanto, o Rorschach é um instrumento que além de fornecer subsídios para avaliação da estrutura da personalidade do indivíduo e o funcionamento de seus psicodinamismos, é capaz de auxiliar no diagnóstico de indivíduos com problemas de interferência neurológica e desvio de conduta (Vaz, 1997).

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. (1988). O adolescente e a liberdade. In A. Aberastury & M. Knobel. Adolescência normal. (pp. 13-23). (7a. ed.). (S.M.G. Ballve, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original Publicado em 1970).
- Aberastury, A. (1988). Adolescência. In A. Aberastury (Org.) Adolescência. (pp. 15-32). (5ª. ed.). (R. Cabral, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original Publicado em 1978).
- Adrados, I. (1976). Rorschach na adolescência normal e patológica. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Arpini, D.M. (1999). Adolescência e violência: reflexões a partir da história. Revista Psicologia Argumento, 17 (24), 99-112.
- Bee, H. (1997) O ciclo vital. (R. Garcez, Trad.). Porto Alegre : Artes Médicas. (Original Publicado em 1994).
- Camacho, L.M.Y. (2001). As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescente. Educação e Pesquisa, 27 (1) [on line]. Disponível: www.scielo.br
- Colombier, C.; Mangel, G. & Perdriault, M. (1989). A violência na escola. (2a. ed.). (R.K., Murray, Trad.). São Paulo : Summus Editorial. (Original Publicado em 1984).
- Costa, G. B. P. M. (1999). O método de Rorschach sob uma ótica atual. In Anais do II Encontro sobre Psicologia Clínica, (44-47). Universidade Presbiteriana

- Mackenzie. Faculdade de Psicologia. São Paulo, SP.
- Coutinho, M.P. & Dias, C.M. (1989/1990). O Rorschach em adolescentes institucionalizados x não institucionalizados. Boletim da Sociedade Rorschach de São Paulo, 3 (1-2), 71-76.
- Dias, M.D.F. (2001). Adolescentes infratores e não infratores: uma análise comparativa através do CBCL e YSR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
- Elkind, D. (1972). Crianças e adolescentes ensaios interpretativos sobre Jean Piaget. (N. Almeida, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original Publicado em 1970).
- Erikson, E.H. (1976). Identidade – juventude e crise. (2ª. ed.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original Publicado em 1968).
- Ferri, E. (1999). Princípios de direito criminal: o criminoso e o crime. (2ª. ed.). (P. Capitano, Trad.). Campinas: Bookseller.
- Freitas, L.M.C. & Campagna, V.N. (1999). A importância do método de Rorschach no psicodiagnóstico: um caso clínico. In Anais do II Encontro sobre Psicologia Clínica, (76-78). Universidade Presbiteriana Mackenzie. Faculdade de Psicologia. São Paulo, SP.
- Gallo, C.M.LC. (2000). Reflexões acerca do adolescente autor de infrações. In Anais do III Congresso Ibero Americano de Psicologia Jurídica, (101-102). Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Psicologia. São Paulo, SP.
- Itani, A. (1998, dez). A violência no imaginário dos agentes educativos. Caderno Cedes, 19(47). [on line]. Disponível: www.scielo.br
- Kalina, E. & Perel, M. (1987). Violências: enfoque circular. (R. Guarany, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.
- Levisky, D.L. (1998). Adolescência e violência – uma sociedade carente de pai e mãe. [on line]. Disponível: www.mp.sp.gov.br
- Marcondes Filho, C. (2001, Abr/Jun). Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. São Paulo em Perspectiva, 15 (2). [on line]. Disponível: www.scielo.br
- Myers, D. (1999). Introdução à psicologia. (5ª. ed.). (A. B. P. Lemos, Trad.). Rio de Janeiro : LTC.
- Osório, L. C. (1989). Adolescente hoje. Porto Alegre : Artes Médicas.
- Penteado, C. (1996). Psicopatologia forense – breve estudo sobre o alienado e a lei. Rio de Janeiro : Editora Freitas Bastos.
- Piaget, J. (1987). Seis estudos de psicologia. (15ª. ed.). (M.A.M. D' Amorim, Trad.). Rio de Janeiro : Forense. (Original Publicado em 1964).
- Santos, J.V.T. (2001). A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. Educação e Pesquisa, 27 (1). [on line]. Disponível: www.scielo.br
- Silva, H.N.C. (2001). Marginais e delinquentes: mitos e realidades. Ágora Revista Científica do Curso de Comunicação Social da Universidade Potiguar. [on line]. Disponível: www.weblab.unp.br/agora/
- Silva, M. S. & Vaz, C. E. (2001). Déficit de raciocínio lógico, conflito de valores e carência afetiva no Rorschach de crianças com problema de conduta. In Anais do I Congresso de Psicologia Clínica, 2. (261-264). Universidade Presbiteriana Mackenzie. Faculdade de Psicologia. São Paulo, SP.
- Vaz, C. E. (1997). O Rorschach: teoria e desempenho. (3ª ed). São Paulo : Editora Manole.
- Winnicott, D.W. (1995). Privação e delinquência. (2ª. ed.). (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original Publicado em 1984).